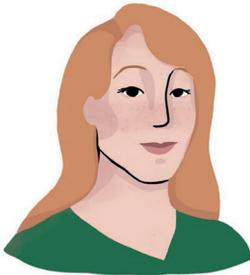




ENTENDENDO A LEI MARIA DA PENHA







Desenho de Lara Damiane

IDEALIZADORA

Idealizada por Manoela Marilda Batista Barbosa, esta revista ilustrada, conta a história de Maria da Penha, biofarmacêutica brasileira que viveu graves atentados por parte do pai de suas filhas, terminando paraplégica.

Sua história de luta por justiça demarca uma importante conquista na defesa das mulheres e no combate à violência de gênero.

É a partir da história dela que, em 2006 foi sancionada a Lei Maria da Penha. Com 46 artigos distribuídos em sete títulos, ela cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.



Fruto de uma demanda comentada em 2016, durante a produção de projeto cultural na cidade de Morrinhos, esta revista é uma devolutiva de Manoela Barbosa às educadoras que a abordaram falando da importância de um material desse para trabalhar a pauta dentro das escolas. É também uma devolutiva de Manoela à comunidade acadêmica, à administração pública e também aos movimentos sociais e de mulheres que a forjou.

O livro, um material ilustrado que nasce obra de urgência, torna-se ainda mais urgente por ter a sensibilidade de compreender a pauta como fundamental e transformadora da realidade de famílias inteiras. Dessa forma, é notável e digno de observação e alegria legítima a obstinação por construir formas de acessibilidade para pessoas com deficiência. A tiragem possui cópias em *braille*, democratizando o acesso às informações, ao produto cultural

Este projeto foi contemplado pelo Edital de Fomento à Literatura do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás - FAC 06 / 2017.



MARIA DA PENHA MAIA FERNANDES NASCEU EM FORTALEZA.



*Em 1966, me formei em Farmácia na
Universidade Federal do Ceará.*



Algun tempo depois, me surgiu a oportunidade de ir à São Paulo fazer mestrado na USP.

Foi lá que conheci o Marco Antônio.

As mães das minhas amigas se lamentavam dizendo:



“Eu queria que minha filha encontrasse alguém que nem ele.”



Nós nos casamos.

Minha primeira filha nasceu em São Paulo.

*Depois do mestrado, voltei com ele
pra Fortaleza, onde eu trabalhava no
Instituto de Previdência.*

*Até então ele era a pessoa que eu
tinha conhecido.*

*O Marco era colombiano e, em
Fortaleza, a naturalização brasileira
dele saiu.*



*Foi aí que as coisas começaram
a mudar.*

*Quando eu estava grávida da minha
segunda filha, ele se tornou uma
pessoa agressiva.*



Na época tinha muitas notícias sobre a Eliane Grammont, que foi morta pelo ex marido, Doc Street, depois que tomou a decisão de se separar.

Eu tentava convencer ele de que era hora da gente se separar. Ao mesmo tempo, eu tinha medo de provocar ele de alguma forma e acabar morta.



As minhas amigas falavam que era assim mesmo, e que eu tinha que rezar.

Na frente dos outros, ele era sempre muito prestativo.





Foi no dia 29 de maio de 1983 que eu acordei com um barulho muito forte. Eu tentei me mexer, mas não conseguia.

Primeiro, eu pensei que o Marco tinha me matado. Os vizinhos escutaram o tiro e correram pra rua. Foram eles que me levaram pro hospital.



A polícia encontrou Marco machucado, com uma corda no pescoço.

Marco disse que estranhos tinham entrado na casa, lutado com ele e atirado em mim. Passei dois meses no hospital em Fortaleza e, depois, fui pro SARAH, em Brasília.

Uma amiga veio me visitar em Brasília.

“ Em Fortaleza estão falando que foi o Marco que atirou em ti. ”





*Depois de dois meses em Brasília,
eu voltei pra casa.*

*Um dia o Marco resolveu me ajudar
com o banho e me levou
para o banheiro da suíte.*

*Ele ligou o chuveiro e eu resolvi checar
a temperatura da água.*

*Levei um choque. Tinha corrente de
energia passando na água. Ele disse
que não.*

*Minha cadeira era toda de ferro.
Então gritei pela babá e a empregada
e elas me tiraram de lá.*

Tudo começou a se encaixar.



Minha família estava tentando a separação por baixo dos panos.

Quando ele saía, eu arrumava as malas das crianças.

Quando consegui sair da casa, denunciei ele.

Foram anos na justiça brasileira e, depois da condenação em 1991, Marco continuou livre.

Meu caso ficou conhecido fora do Brasil e começou uma mobilização internacional.

Nós denunciemos na OEA a forma como o Brasil tratava os casos de violência doméstica. Em 2001, o país foi condenado por negligência, omissão e tolerância em relação à violência contra as mulheres. Só em 2002 o Marco foi preso.





*Em 2006 a lei, que tem meu nome,
foi aprovada.*



*A lei cria mecanismos para coibir e
prevenir a violência doméstica e
familiar contra a mulher.*

*Segundo a lei, toda mulher
tem direito de viver sem violência e
ter sua saúde física e mental assegurada.*

*Segundo a lei são violências
contra a mulher:*



Psicológica

*Humilhar
Insultar
Perseguir
Ameaçar
Isolar*

Física

*Empurrar
Chutar
Bater
Amarrar
Violentar*

Moral

*Caluniar
Difamar
Injuriar*

Sexual

*Forçar relações
sexuais*

*Impedir uso de
métodos
contraceptivos*

Patrimonial

Controlar finanças da mulher

*Destruir, parcial ou totalmente
documentos pessoais, bens e
objetos*



A Lei também prevê uma série de políticas como:



*Atendimento policial especializado ,
principalmente nas
Delegacias da Mulher;*

*Campanhas educativas
de prevenção à violência
doméstica e familiar;*

*Centrais de
atendimento,
casas abrigos para
as mulheres e
centros de
educação e
reabilitação para
os agressores.*





Apesar de tudo que já foi conquistado, ainda há um longo caminho para acabar com a violência contra a mulher.

Muitas mulheres ainda sentem medo de denunciar e procurar ajuda.







180

**ESTE É O NÚMERO DA CENTRAL
DE ATENDIMENTO À MULHER
E SEMPRE PODE AJUDAR.**